

Ciberativismo e noticiário: da mídia torpedista às redes sociais

Magaly Prado¹

Prado, Magaly. **Ciberativismo e noticiário: da mídia torpedista às redes sociais**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

Resenha por Lucia Santaella²

Agilidade e competência no trato da questão ciberativista

Desde junho de 2013, no Brasil, o tema do ciberativismo entrou na pauta das discussões dos especialistas e na voz corrente das pessoas. Não é para menos. As multidões indignadas e reivindicatórias, nas ruas de muitas capitais do país, pegaram a todos de surpresa, até mesmo aos que iam para as ruas, movidos por afetos das mais diversas ordens: raiva, participação, coletivismo, indignação, explosão de sentimentos difusos, enfim, tudo aquilo que Negri chama de potência da carne, ou seja, a carne dos corpos que pulsam em consonância com a matéria do mundo.

Infelizmente em um país que não tem estações do ano definidas, não dispomos da alternativa de dar ao movimento um nome poético como “Primavera árabe”, especialmente porque tudo se deu na passagem do outono para o inverno. Mas, ao mesmo tempo, as multidões ganharam por viverem em um clima sem as agruras dos invernos brancos, de modo que a saída às ruas não contava com esse tipo de desvantagem.

Durante e depois dos movimentos explodiram artigos escritos por especialistas nos mais distintos campos do conhecimento, especialmente em antropologia, em sociologia, em todas as tendências das ciências políticas, inclusive da filosofia política. Entraram também em cena, como não poderia deixar de ser, os jornalistas cuja tarefa é

¹ Magaly Prado é jornalista, professora universitária e escritora. Doutora em Comunicação e Semiótica e Mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, ambos pela PUC-SP, onde leciona na pós-graduação em Redes Sociais, Colaboração e Mobilidade. E-mail: magalyprado@gmail.com

² Lucia Santaella é pesquisadora 1A do CNPq e professora titular da PUC-SP. Publicou 41 livros e organizou 13, além da publicação de mais de 300 artigos no Brasil e exterior. Recebeu quatro vezes os prêmios Jabuti, bem como o prêmio Sergio Motta e o prêmio Luiz Beltrão. E-mail: lbraga@pucsp.br

sempre a de agarrar os acontecimentos no ar de sua ocorrência e dar a eles interpretações coerentes e convincentes.

Antes mesmo da irrupção dos movimentos brasileiros, Magaly Prado, na sua natureza multilateral de jornalista, pesquisadora e professora, já estava farejando o tema, realizando uma pesquisa sobre aquilo que ela conhece bem: as mais variadas facetas do mundo digital e dos usos sociais dessas mídias, com foco, então, naquilo que, desde os variados exemplos internacionais, passou a ser chamado de ciberativismo, ativismo nas redes ou ativismo digital. Ao mesmo tempo em que as ocorrências brasileiras atropelaram o caminho de sua pesquisa, também sopraram ao seu favor. Com a agilidade que lhe é característica, exímia usuária das redes, ludicamente atenta à rapidez estonteante com que tudo passa pela internet, imediatamente soube incorporar o fluxo dos acontecimentos ao seu trabalho.

O livro que ela entrega, então, ao leitor, pode ser caracterizado como um híbrido admirável entre o rigor da pesquisa e a agilidade lúcida do jornalismo. Aliás, a própria aparência do livro é *sui generis*: imagens, caixas de textos, textos corridos, tudo diagramado com clareza visual para que o leitor possa ir acompanhando a lógica multilinear da informação que recebe. Desse híbrido, tanto no conteúdo, quanto na aparência, numa feliz isomorfia entre forma e sentido, emerge um documento fundamental para se compreender os fatos e especialmente os modos como foram sendo noticiados e divulgados.

Contando com fundamentação teórica farta para embasar os significados do ciberativismo, o livro parte para a vida, para os acontecimentos no calor de suas ocorrências sob o ponto de vista da mídia tradicional em confronto com as mídias torpedistas, mídias alternativas, num jogo de forças e tensões que Magaly Prado soube capturar e diagnosticar com maestria.

O ciberativismo tem como característica fundamental o fato de que ele pode explodir a qualquer momento. Não há normas nem previsões que possam regê-lo. Portanto, para quem tem curiosidade e busca compreender esse fenômeno, nas mudanças nas formas de participação política que ele instaura, este livro se constitui em leitura obrigatória. Aliás, uma obrigação prazerosa.